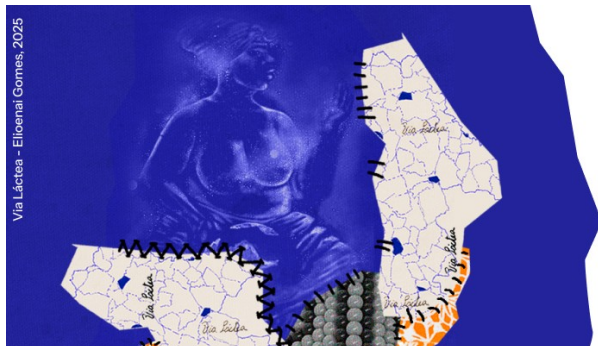


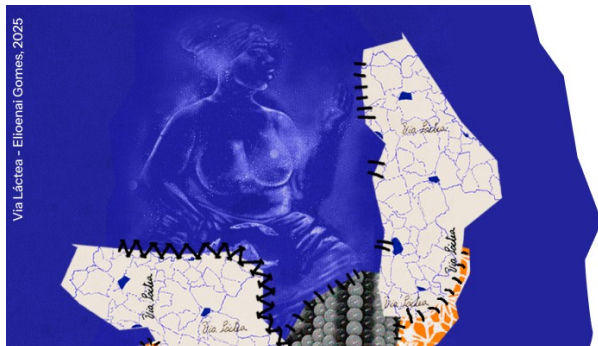


OFICINAS DE AUTOCONHECIMENTO EM MARC CHAGALL

Igor Lucena Fernandes de Queiroz¹ – PROFARTES - UFRN

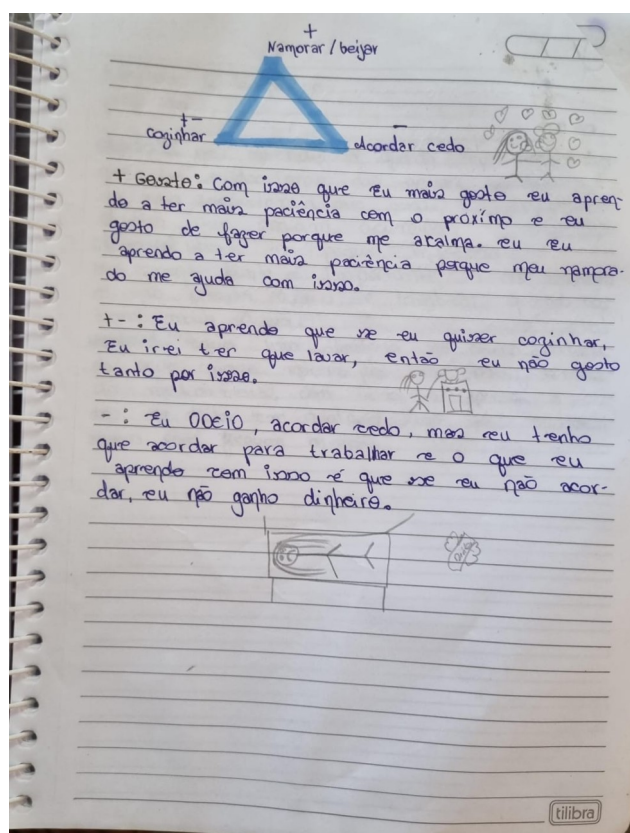
Este é um relato de experiência que aconteceu em maio de 2025, com turmas do Ensino Médio numa escola de Parnamirim - RN. As aulas foram ministradas numa disciplina eletiva que se chama Arte e Autoconhecimento. A qual, por ser uma disciplina eletiva podemos abordar artistas de maneira diferenciada, ou seja, mais focada na linguagem de artes visuais e sua inter-relação com a construção da subjetividade. As aulas duraram quatro semanas, e naquele mês estudamos o artista Marc Chagall a partir de alguns de seus trabalhos disponíveis em bancos de imagens públicos. Utilizando a abordagem triangular (Barbosa, 2012) pudemos compreender seu percurso histórico e criativo ao longo do século XX. A vida de Chagall foi marcada por muitas alegrias e sofrimentos, mas principalmente por migrações forçadas. Uma vez que ele viveu em locais de conflitos tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial. Para o artista e arte educador encontrar novos lugares, novos contextos sociais, novas culturas, novas línguas e novos vínculos laborais era um desafio constante. O qual demandou muito tempo, bem como disposição física e mental ao longo de sua vida. E assim, em nossas aulas enfatizamos as narrativas visuais de Chagall, que envolvem pessoas vivendo suas vidas geralmente em contextos interioranos. Todavia as narrativas são abertas, e por não existir uma temporalidade ou contextualização definida ela forma uma composição com várias imagens e cenários que se complementam poeticamente. Diferentemente do que acontece com as revistas em quadrinhos, em que existe uma linha do tempo por meio da sequência de cenas que definem uma história. As de Chagall compõem visualidades abertas a múltiplas interpretações. E ele faz isso por

¹ Mestrando em Artes no PROFARTES (Programa de mestrado profissional em Artes) UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), membro do Matizes - grupo de pesquisa em Artes Visuais (Cnpq-UFRN), professor da rede estadual do Rio Grande do Norte. igorlucenafernandesdequeiroz@gmail.com.



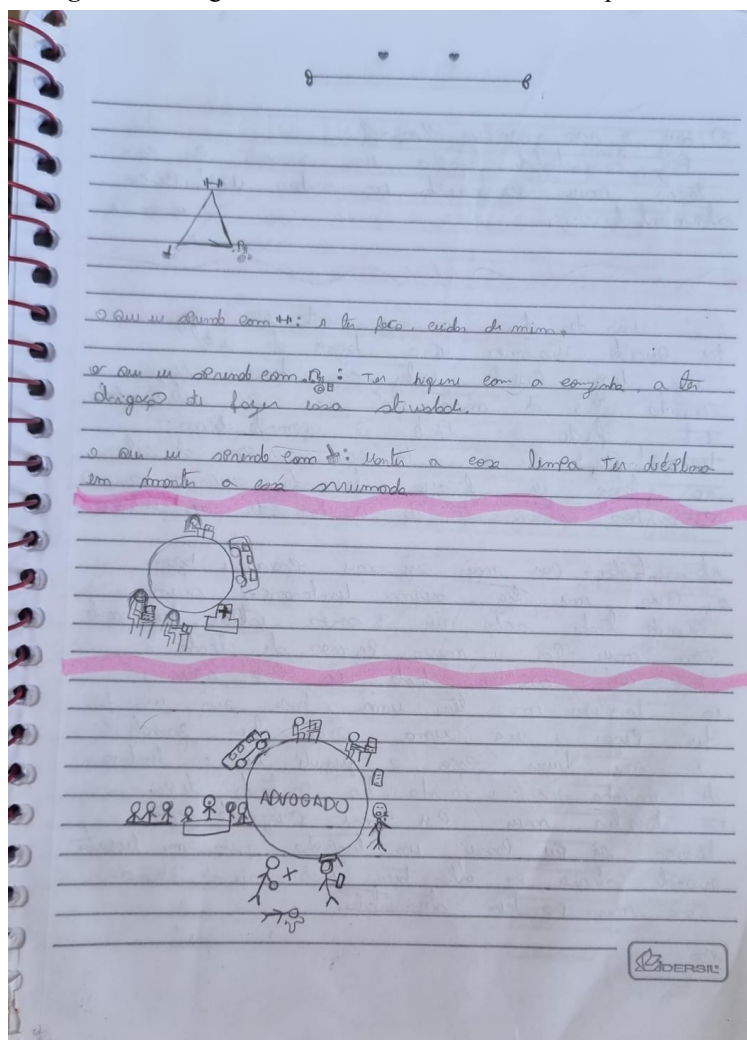
meio de imagens que se dissociam de uma linha do tempo fixa, para que possa mostrar cenas que estão em um mesmo contexto, mas não em sequência temporal. Vale salientar que o artista nasceu e cresceu em um contexto interiorano. E passou a vida pintando os afetos, dramas e absurdos das guerras naqueles locais. E assim, de certa maneira, o contexto de vida de Marc Chagall dialoga com o contexto de vida dos estudantes que moram na periferia de uma grande cidade nordestina. Utilizando a metodologia da contaminação estética (Martins, 2019) abordamos as pequenas narrativas nos quadros de Chagall como possibilidade de fazer com que os estudantes refletissem sobre suas rotinas cotidianas. Entretanto dentro de períodos de tempo maiores que um dia, ou momentos do dia. Pois nossa disciplina eletiva tem um cunho de autoconsciência sobre as próprias dinâmicas existenciais.

Figura 1 – Imagem do caderno de uma estudante na segunda aula.



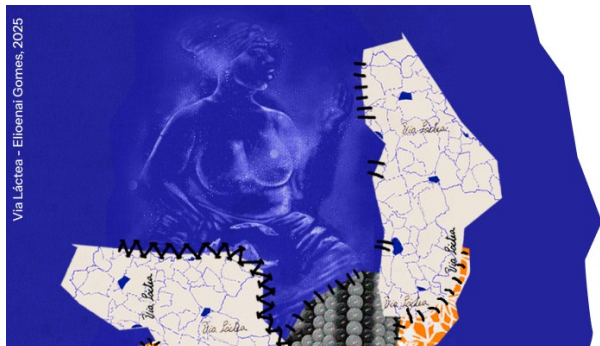
Fonte: O autor.

Figura 2 – Imagem do caderno de um estudante na quarta aula.



Fonte: O autor.

Na primeira aula os estudantes tiveram contato com as obras de Marc Chagall por meio de imagens projetadas na lousa, e explicações sobre o contexto de suas histórias. Em seguida, foi pedido aos estudantes que fizessem um círculo com suas próprias rotinas semanais. A proposta era que desenhasssem um círculo no caderno, e ao redor dele desenhem suas rotinas semanais. Naquele momento muitos estudantes protestaram dizendo que não sabiam desenhar. Mas foi esclarecido que assim como Chagall não tinha o objetivo de produzir obras realistas, os estudantes não seriam cobrados por isso. E assim como Chagall expressou da maneira mais

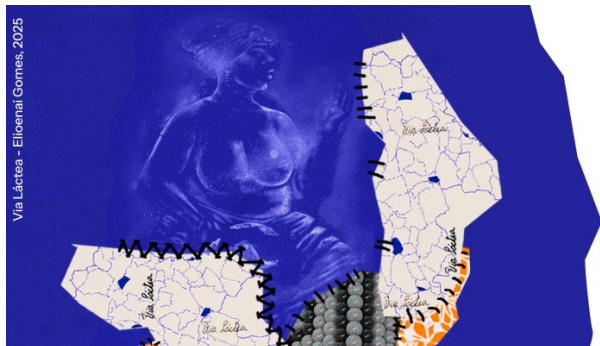


adequada aquelas suas narrativas, os estudantes também poderiam desenhar ao seu modo as suas rotinas. A única regra é que eles se esforçassem para se fazerem entendidos por meio de seus desenhos. Recomendamos ainda que cada estudante desenhasse no mínimo nove atividades de suas rotinas semanais. E no final da aula aqueles que quisessem podiam mostrar e observar os desenhos dos colegas. Também conversamos sobre o ocorrido no dia, sobre o que eles acharam de suas rotinas, e as razões para tais impressões.

Na segunda aula os estudantes refletiram sobre suas rotinas e escreveram sobre elas. Inicialmente desenharam um triângulo, e foi sugerido que numa de suas pontas desenhassem aquilo que mais amam em sua rotina. Noutra ponta eles desenhariam o que eles não gostam de fazer, e noutra desenhariam o que acham mais ou menos, mas fazem porque é necessário para as suas rotinas. E por fim tiveram que escrever um texto curto sobre o que têm aprendido com suas rotinas representadas em cada lado do triângulo. No final da aula conversamos sobre os aprendizados de rotinas e o que talvez pudesse ser mudado nelas.

Na terceira aula os estudantes formaram grupos para interagirem com as rotinas agradáveis e desagradáveis uns dos outros e criar coletivamente uma rotina para uma personagem fictício, a partir de suas experiências de vida. Eles tiveram metade da aula para fazerem um ciclo completo de rotinas do personagem. Podendo construir da seguinte maneira: cada estudante colocaria dois elementos de sua rotina para tentar compor um ciclo semanal. Então quando organizaram o ciclo escreveram uma história das rotinas semanais do personagem. Mas havia uma regra de que as histórias tinham de fazer sentido para eles. E outra regra foi que cada grupo de cinco pessoas poderia excluir apenas três rotinas que não fossem interessantes para a história do personagem do grupo. No final da aula conversamos sobre as rotinas criadas e andamos entre os grupos para ver como eles organizaram suas rotinas.

E na quarta e última aula os estudantes tinha como objetivo escrever sobre uma rotina que lhes ajudasse a manter um sonho pessoal que eles já haviam



realizado no futuro. A atividade foi individual, e tiveram aproximadamente metade da aula para desenhar cinco elementos de uma rotina que gostariam de ter no futuro. A sugestão é que desenhassem a principal atividade ao centro, e as outras atividades da rotina ao redor. O pedido foi no sentido de que a narrativa que estava sendo criada ficasse mais didática. Pois deste modo seria contada uma história sobre as atividades ainda a serem vividas por aquela pessoa. Na outra metade da aula cada estudante escreveu como faria para manter aquela vida, que outras atividades ou rotinas eles deveriam ter para sustentar aquele sonho que já tinha se realizado em suas imaginações. Ao final da aula conversamos sobre os sonhos, e o que era necessário para mantê-los. Ou seja, as coisas que precisam ser feitas para que possamos ter a vida que sonhamos, mas com os pés na realidade.

Esse percurso pedagógico mostrou que a arte pode ser um meio potente de reflexão sobre si e sobre o cotidiano. A vida e obra de Marc Chagall, marcadas por deslocamentos, afetos e memórias interioranas, funcionaram como ponto de partida para que os estudantes revisitassem suas próprias rotinas, seus incômodos, prazeres e esperanças. A articulação entre metodologias permitiu que o processo criativo se tornasse também um processo de autoconhecimento, em que a imaginação se somou à crítica para projetar futuros possíveis. Ao final, ficou evidente que o ensino de arte, quando aliado à reflexão sobre a vida cotidiana, favorece aprendizagens que ultrapassam o domínio técnico ou estético, oferecendo aos jovens um espaço para pensar sobre quem são, de onde vêm e para onde desejam caminhar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Míriam Celeste; et al. **Formação de educadores**: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2019.